



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**O DISCURSO MUDIÁTICO**  
**UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO PARLAMENTO**  
**BRASILEIRO**

**Ana Paula Martins Guilhem**

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Viviane Ramalho

Brasília

2011



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**O DISCURSO MIDIÁTICO**  
**UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO PARLAMENTO**  
**BRASILEIRO**

**Ana Paula Martins Guilhem<sup>1</sup>**

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Viviane Ramalho

Artigo apresentado junto ao Instituto de Letras/Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação em Letras Português.

Brasília

2011

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português pela Universidade de Brasília (UnB). *E-mail:* [anaguilhem.unb@hotmail.com](mailto:anaguilhem.unb@hotmail.com)

## SUMÁRIO

ABSTRACT.....	5
RESUMO .....	5
APRESENTAÇÃO .....	6
1. DELIMITAÇÃO/ DISCUSSÃO DO PROBLEMA: REPRESENTAÇÕES DO PARLAMENTO NA MÍDIA.....	7
1.1 Mídia .....	7
1.2 Política brasileira.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO: O DISCURSO DA MÍDIA .....	9
2.1 Discurso e Poder .....	9
2.2 Discurso e Mídia .....	10
2.3 Discurso midiático na <i>modernidade tardia</i> .....	10
3. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	12
4. ANÁLISE DOS DADOS .....	13
4.1 Revista <i>Veja</i> – Edição nº 13 (04/12/1968) .....	15
4.1.1 O texto.....	16
4.1.2 A prática discursiva.....	17
4.1.3 A prática social.....	17
4.2 Revista <i>Veja</i> – Edição nº 1819 – (10/09/2003) .....	17
4.2.1 O texto.....	18
A seleção lexical aqui é fator determinante para a interpretação do/a leitor/a. Exemplos: .....	18
4.2.2 A prática discursiva.....	19
4.2.3 A prática social.....	19
4.3 Revista <i>IstoÉ</i> – Edição nº 2059 – (29/04/2009) .....	19
4.3.1 O texto.....	20
4.3.2 A prática discursiva.....	21
4.3.3 A prática social.....	21

4.4 Revista <i>Veja</i> – Edição nº 2123 – (29/07/2009) .....	21
4.4.1 O texto .....	22
4.4.2 A prática discursiva .....	23
4.4.3 A prática social .....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	25

## ABSTRACT

In this paper, performs a reflection, through a Critical Discourse Analysis, about potentially ideological directions on the media speech related Brazilian Parliament. Based on a *corpus* consisting from covers of Brazilian Magazines of wide circulation, discusses the role the media has exercised over the political imagination of Brazilian society. In others words, possible manipulations that are performed to direct the thinking of society about the brazilians parliamentarians. The findings suggest that journalists select linguistic structures that support naturalized ideologies and by establishing generalizations about the policy being carried out in Brazil.

**Keywords:** Media speech, ideology, Brazilian Parliament.

## RESUMO

Neste artigo, realiza-se uma reflexão, à luz da Análise de Discurso Crítica, sobre sentidos potencialmente ideológicos no discurso midiático que trata a respeito do Parlamento brasileiro. Com base em um *corpus* composto por capas de revistas brasileiras de grande circulação, discute-se o papel que a mídia vem exercendo sobre o imaginário político da sociedade brasileira. Isto é, possíveis manipulações que são exercidas para direcionar o pensamento da sociedade a respeito dos parlamentares brasileiros. As conclusões apontam que os/as jornalistas selecionam estruturas linguísticas que sustentam ideologias naturalizadas e instauram generalizações quanto à política que vem sendo exercida no Brasil.

**Palavras-chave:** discurso midiático; ideologia; Parlamento brasileiro.

## APRESENTAÇÃO

No dia 6 de maio de 2011, o jornal *O Estado de S.Paulo* publicou uma matéria intitulada “Sarney acusa mídia de fragilizar o Senado”, em que consta a opinião do presidente do Senado Federal, José Sarney, de que a imprensa quer “disputar” com o Parlamento brasileiro o papel de representar a opinião pública. Além disso, a manchete apresenta que o político classificou de “campanha para fragilizar o Senado” as diversas denúncias de irregularidades na Casa Legislativa.

Como se dá a representação da opinião pública, bem como das diversas denúncias de irregularidades na Casa, apontadas pelo presidente do Senado, é a preocupação central deste estudo, que objetiva investigar a representação do Congresso Nacional por meio do discurso midiático. Trata-se, pois, de um artigo de caráter multidisciplinar, cujas linhas gerais dar-se-ão à luz da Política e Mídia no Brasil, perpassando as teorias em Análise do Discurso Crítica. Buscar-se-á mapear e sistematizar construções das imagens dos parlamentares brasileiros em veículos de comunicação da imprensa escrita, como o jornal e a revista. “Hoje, as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas ajudam a constituir o político” (HALL, 1989, p. 43). É exatamente por esta responsabilidade pública do discurso veiculado na mídia brasileira e o seu impacto social que se lança o presente estudo, reiterando que se trata de uma abordagem inicial para uma pesquisa futura que buscará englobar um conjunto de discursos produzidos ao longo de décadas a respeito do Congresso Nacional.

Para a organização do material de pesquisa, o presente artigo foi dividido em quatro seções, excetuando-se a *Apresentação* e *Considerações Finais*. Na primeira seção, discute-se o contexto da mídia e da política brasileira de onde o *corpus* de pesquisa foi retirado. Na segunda seção, descreve-se a abordagem teórica da Análise do Discurso Crítica, levando-se em consideração teorias que relacionam a mídia à ADC. Na terceira seção, apresenta-se os percursos metodológicos que serão utilizados para a análise dos dados. Na quarta seção, tem-se, por fim, a análise, embasada na ADC, de quatro capas de revistas de grande circulação no Brasil.

# 1. DELIMITAÇÃO/ DISCUSSÃO DO PROBLEMA: REPRESENTAÇÕES DO PARLAMENTO NA MÍDIA

Alguns fatores históricos pós década de 80 modificaram o papel exercido pela mídia no Brasil. Como Lima (2004) observa,

[...] a partir da década de 1980, com a perspectiva de redemocratização do processo político no Brasil, **crece a importância da mídia**, sobretudo eletrônica, como construtora da realidade pública. Dessa forma, as questões mais relevantes para a pesquisa passam a ser as que tratam das relações entre mídia e as demais instituições sociais, na medida em que elas são entendidas como relações de poder numa sociedade cada vez mais contraditória e desigual. Com a retomada das eleições diretas nos diferentes níveis – local, estadual e nacional – a partir de 1982, aparecem as pesquisas sobre o **papel e a importância da mídia na política**, em especial na determinação das preferências dos eleitores na escolha dos candidatos. Existe aqui uma gama variada de perspectivas, desde a que considera a mídia mera coadjuvante do processo eleitoral (e político) até a que atribui a ela o papel central na construção dos ‘cenários de representação’ nos quais as disputas eleitorais ocorrem” (LIMA, 2004, p. 41. Grifos meus).

Conferindo-se então à mídia o papel de suma importância na sociedade contemporânea brasileira, e conseqüentemente a importância do discurso neste contexto (já que ele – o discurso – é o objeto por meio do qual a mídia se estabelece), faz-se necessário explicitar com quais conceitos de mídia trabalharemos no decorrer do artigo, bem como definir os “lugares” que percorreremos no âmbito da política brasileira.

## 1.1 Mídia

Em *Mídias sem limite: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*, Todd Gitlin (2003) utiliza-se de uma parábola muito interessante para explicitar o caráter abrangente da mídia:

Um fiscal de alfândegas observa um caminhão aproximar-se da fronteira. Desconfiado, manda o motorista descer e revista o veículo. Retira painéis, para-choques e estepe, mas não encontra nem traço de contrabando. E assim, ainda desconfiado, mas sem saber onde procurar mais, manda o motorista embora. Na semana seguinte, o mesmo motorista aparece. Novamente o fiscal revista tudo e, novamente, não encontra nada ilícito. Os anos passam, o fiscal experimenta revistar o próprio motorista, tenta raios X, sonar, tudo em que consegue pensar, e toda semana o mesmo homem vem, mas nenhuma carga misteriosa jamais aparece e, todas as vezes, relutante, o fiscal manda o homem embora.

Finalmente, depois de muitos anos, o fiscal vai se aposentar. O motorista chega.

– Sei que você é contrabandista – diz o fiscal. – Nem adianta negar. Mas não consigo imaginar o que você contrabandeou esses anos todos. Estou quase me aposentando. Juro que não vou prejudicar você. Por favor, me conte o que é que você está contrabandeando.

– Caminhões – diz o motorista. (GITILIN, 2003, p. 11)

O que a parábola dos caminhões salienta é como a mídia se faz presente na vida das pessoas, e como elas não se apercebem da sua importância. Porque, afinal, estamos na “era da informação”, e este *slogan* traz em si a ideia de progresso. E quem não quer progresso?

“Mídia”, plural do latino *medium*, meio é aqui definida como “o conjunto das instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana” (LIMA, 2009). Trata-se assim, da indústria cultural: emissoras de rádio, televisão, jornais, revistas, cinemas, *blogs*, *facebooks*, *twitters*. Para o presente estudo, valer-se-á da mídia escrita.

Ainda, é importante destacar a crença que a sociedade deposita nos veículos de comunicação. As pessoas confiam no discurso proferido pelo jornal, porque não têm, via de regra, como checar as informações contidas na matéria. Entra-se aqui num universo arenoso, porque aqueles que veiculam a informação (discurso) passam a ser os detentores do “poder”.

## **1.2 Política brasileira**

A ditadura militar separa as duas experiências democráticas brasileiras: a do período 1945-1964 e aquela iniciada em 1985. Trata-se, assim, de um Brasil de intensas transformações, que culminou especialmente na emergência de um país midiático, trazendo junto a esta situação consequências para a cultura brasileira, para a instituição social e principalmente para a política – que passou a exigir candidatos e governantes que se adaptassem à mídia.

Muito tempo após o surgimento da internet, a representação do Congresso Nacional passou a ser embasada na fiscalização do exercício dos parlamentares. Por meio dos *sites* tanto da *Câmara Federal* quanto do *Senado Federal*, podemos encontrar o *link* *Transparência*, que contém todos os gastos da cota parlamentar. Assim, qualquer cidadão brasileiro pode ter conhecimento sobre em que o seu governante está gastando o dinheiro público.

Com esta possibilidade de fiscalização que surgiu recentemente, a imprensa brasileira passou a acompanhar os gastos públicos, denunciando irregularidades, mas também distorcendo informações que possibilitam a construção degenerativa da imagem dos parlamentares. Trata-se, pois, das análises que se encontram nos capítulos a seguir.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO: O DISCURSO DA MÍDIA

Como já anteriormente mencionado, o objeto por meio do qual a mídia se estabelece é o discurso. Conforme Fairclough (2001), entende-se discurso como

uso da linguagem como **forma de prática social** e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que **as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros**, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (p. 91, *grifo meu*)

Trata-se, pois, do discurso como forma de ação e como forma de representação social. Entretanto, “discurso” apresenta duas acepções em *Análise do Discurso Crítica*: (i) “linguagem como momento irredutível da vida social”; e (ii) “modo particular de representar parte do mundo” (FAIRCLOUGH, 2003). Aqui, podemos colocar o discurso midiático – objeto do presente estudo – como um exemplo de discurso particular.

A *Análise do Discurso Crítica* pauta-se no paradigma funcional da linguagem: a linguagem em uso. Ou seja, baseando-se no presente artigo, é como os detentores do “poder” – a mídia – agem discursivamente e como eles representam o social – no caso, o Congresso Nacional. A concepção funcional da linguagem não só leva em consideração seus aspectos internos, mas estes somados aos externos, numa perspectiva interacional entre autor-leitor-mundo.

Em relação a este processo interacional do discurso, Bakhtin (2002) pontua:

O elemento que torna a forma linguística um signo não é a sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a decodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra em seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo. (p. 94)

### 2.1 Discurso e Poder

A concepção da linguagem como modo de interação social, apontada anteriormente, assenta-se na visão dialógica e polifônica da linguagem, “segundo a qual mesmo os discursos aparentemente não dialógicos, como textos escritos, sempre são parte de uma cadeia dialógica, na qual respondem a discursos anteriores e antecipam discursos posteriores de variadas formas” (BAKHTIN, 1997, *apud* RESENDE & RAMALHO, 2009, p. 17). Como

exemplo, tomemos a matéria mencionada no início deste artigo, intitulada “Sarney acusa mídia de fragilizar o Senado”; trata-se, pois, de um discurso proferido pelo presidente do Senado e que responde a diversos outros discursos publicados na imprensa.

Neste contexto, ainda, encontramos a *linguagem como espaço de luta hegemônica* postulada por Foucault (2001). O discurso polifônico permite analisar as contradições sociais e as lutas pelo poder, uma vez que o sujeito seleciona determinadas estruturas linguísticas ou vozes, e as articula de determinada maneira num conjunto de possibilidades. A exemplo, dá-se novamente o discurso midiático: o/a jornalista, inserido em um contexto social, cultural, político específico e constringido pelas práticas da instituição que o emprega, seleciona determinadas estruturas linguísticas dentre outras com propósitos específicos, o que contribui para constituir crenças, conhecimentos, relações sociais e identidades, tanto dos/as interlocutores/as quanto dos/as políticos/as. Foucault ainda discute que o poder, nas sociedades modernas, é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas: escolas, prisões, hospital e o próprio discurso midiático.

## **2.2 Discurso e Mídia**

Conforme Magalhães (2005), Norman Fairclough contribuiu para “a criação de um método para o estudo do discurso e seu esforço extraordinário para explicar por que cientistas sociais e estudiosos da mídia precisam dos(as) linguistas” (p. 3). Dessa forma, o papel do/a linguista crítico/a é de grande relevância para a crítica social contemporânea.

Em “*Language and Power*” (1989), Fairclough aborda a necessidade de conscientização a respeito dos efeitos sociais de textos, ou seja, o impacto que determinado texto acarretará é potencialmente significativo para a estrutura social, mantendo relações de poder ou mesmo colocando em desvantagem determinados segmentos da sociedade. É por este motivo que se dá a preocupação em relação aos discursos que estão sendo veiculados na imprensa brasileira: eles constroem e desconstroem o imaginário social.

## **2.3 Discurso midiático na *modernidade tardia***

Segundo Giddens (1991, 2002, *apud* RESENDE & RAMALHO, 2009, p. 30), *modernidade tardia* é a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas. Trata-se, pois, do momento atual em que vivemos, constituído por variados discursos que dominam o dia a dia da sociedade.

Uma boa parte dos discursos presentes na sociedade dá-se por meio da mídia. Thompson (1998) caracteriza a mídia como a disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. Nesse quesito, Resende & Ramalho (2009, p. 32) pontuam:

Isso significa também que as formas simbólicas veiculadas na mídia são desencaixadas de seus contextos originais e recontextualizadas em diversos outros contextos, para aí serem decodificadas por uma pluralidade de atores sociais que têm acesso a esses bens simbólicos.

Para exemplificar tal assertiva: muitas matérias veiculadas na mídia brasileira a respeito de determinados parlamentares são tiradas do contexto em que a situação-problema ocorreu, provocando distorções no entendimento dos atores que irão absorver o discurso. “Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compressão que têm de si mesmos e dos outros, as usam como veículos para reflexão e autorreflexão” (THOMPSON, 1998). Assim,  $x$  é representado discursivamente fora do seu contexto,  $y$  interpreta  $x$  por meio da sua experiência pessoal, e o que resulta neste processo não é o que ocorreu de fato com  $x$ . É aqui que mais uma vez se justifica a necessidade dos linguistas em meio ao ambiente midiático.

### 3. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é qualitativa e documental, baseada em quatro capas de revistas de grande circulação no Brasil: três capas da revista *Veja* e uma da revista *IstoÉ*. O que elas apresentam em comum é a imagem do Congresso Nacional.

A princípio, o intuito da pesquisa baseava-se na busca de uma matéria antiga que tratasse a respeito da representação do Congresso Nacional na sociedade brasileira, e uma matéria da atualidade, para assim realizar um quadro comparativo. Entretanto, o que comprometeu a proposta inicial foi exatamente a dificuldade em encontrar matérias antigas em que os parlamentares fossem o alvo em discussão. Com isso, mudou-se o foco, passando-se assim a analisar/buscar capas de revistas brasileiras em que a imagem do Congresso Nacional/parlamentares estivesse presente.

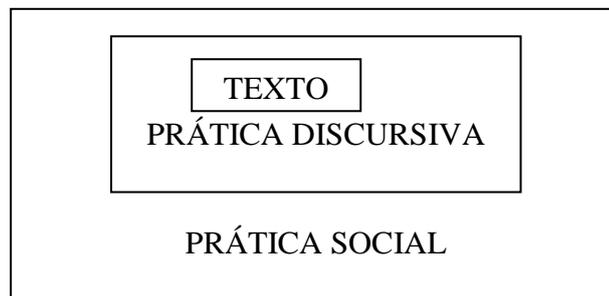
A investigação deu-se a partir dos anos 1967 até os dias atuais, por meio do acervo digital que os *sites* das respectivas revistas fornecem. O que se pode depreender pelo olhar analítico inicial é que existe um número reduzido de exemplares datados antes do ano 2000 e que abordam o Congresso Nacional. Lembrando-se que isso se trata apenas de uma observação inicial, a ser futuramente pesquisada.

Para a análise dos dados, utilizar-se-á as teorias apresentadas na seção 2 deste artigo, somadas a algumas abordagens a respeito da gramática visual, já que as imagens gráficas contidas nas capas fazem parte da construção do discurso.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

Tendo-se o texto como principal material empírico de pesquisa do/a analista crítico/a do discurso (Ramalho & Resende, 2011), criou-se um arcabouço para análise textual relacionando o discurso aos aspectos da Análise do Discurso Crítica.

Para as análises, valer-se-á da Teoria Social do Discurso, postulada por Fairclough, em que consta um modelo que considera três dimensões passíveis de serem analisadas:



Trata-se, pois, da concepção tridimensional do discurso, em que

a prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto. Essas duas dimensões são mediadas pela prática discursiva, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. (RESENDE & RAMALHO, 2009)

Dessa forma, temos, portanto, um quadro analítico que compreende a análise da prática discursiva, do texto e da prática social. Fairclough, em *Discurso e mudança social*, propõe as seguintes categorias de análise, algumas das quais utilizaremos nas análises:

<b>TEXTO</b>	<b>PRÁTICA DISCURSIVA</b>	<b>PRÁTICA SOCIAL</b>
vocabulário	produção	ideologia
gramática	distribuição	sentidos
coesão	consumo	pressuposições
estrutura textual	contexto	metáforas
	força	hegemonia
	coerência	orientações
	intertextualidade	econômicas,
		políticas, culturais,

		ideológicas
--	--	-------------

Além do quadro analítico postulado por Fairclough, utilizar-se-á das *Funções da Linguagem* propostas por Halliday (1991), em que o autor classifica os usos da linguagem em (i) sentido experiencial: representação do mundo real como ele é apreendido em nossa experiência – língua como modo de refletir; (ii) sentido interpessoal: a língua não apenas representa a realidade, ela é também uma peça de interação entre falante e ouvinte – língua como modo de agir; e (iii) sentido lógico/textual: é o que torna determinada estrutura num texto – equilíbrio semântico e gramatical entre as linhas, estrutura temática, ritmo e foco da informação, estrutura métrica etc.

Quanto à gramática visual, informados na LSF, Kress & van Leeuwen (1996, 2001) propõem uma abordagem teórico-metodológica para análise crítica de textos multimodais, que conjuguem diversos modos de linguagem. Na “gramática da linguagem visual”, que descreve os modos culturalmente definidos como imagens se articulam em composições visuais, as imagens são concebidas em termos das mesmas macrofunções da linguagem verbal, quais sejam, ideacional, interpessoal e textual. A exemplo da linguagem verbal, as imagens atuam como forma de representação, como troca de experiência e como mensagem. Entretanto, o que na linguagem verbal é realizado, por exemplo, por diferentes classes e estruturas semânticas, na linguagem visual realiza-se por diferentes cores, estruturas composicionais. Interessa, aqui, a possibilidade de se analisar a transitividade visual, ou as **estruturas visuais**, que envolvem processos e participantes, dos textos essencialmente imagéticos do *corpus*.

Na gramática de Kress & van Leeuwen (1996), o *design* visual como representação pode ser analisado segundo dois tipos de estrutura: narrativa e conceitual. Estruturas visuais que representam ações, eventos, processos de mudança, arranjos espaciais transitórios são narrativas. O que caracteriza uma estrutura como narrativa é a presença de um vetor, uma linha imaginária, formada por corpos, braços, linha do olhar, instrumentos em ação, dentre outros, que sugere ações, eventos. O tipo de vetor, a quantidade e os tipos de participantes envolvidos definem os processos narrativos como: processos de ação, processos reacionais, processos verbais, processos mentais e processos de conversão. Nas estruturas conceituais, por seu turno, participantes não desempenham ações, mas são representados em termos de classe, significação, estrutura, ou seja, de seus traços e características essenciais.

De acordo com a proposta de Kress & van Leeuwen (1996), macrofunção textual do *design* visual, como mensagem, pode ser investigada segundo o **valor da informação**. O

valor da informação diz respeito à localização dos elementos visuais nas diversas zonas da composição imagética – esquerda e direita, superior e inferior, centro e margem –, que lhes confere valores de informação específicos.

A localização da informação à direita ou à esquerda, na leitura ocidental, tem valores distintos de significação. Os elementos posicionados à esquerda são representados como “dado”, isto é, como informação já conhecida pelo leitor. Equivale ao “rema” da linguagem verbal. Os elementos posicionados à direita, por seu turno, são representados como “novo”, o que não é conhecido pelo leitor e para o qual se deve dar mais atenção. Corresponde ao “tema” da linguagem verbal. Da mesma forma, a localização na parte superior da composição visual confere o valor de informação “ideal”, aquilo a que se aspira. Por outro lado, a localização na parte inferior confere o valor de informação “real”, aquilo que há de mais concreto, realista. Por fim, a disposição dos elementos visuais no “centro” confere a eles a condição de “núcleo da informação”, ao qual os demais elementos, posicionados à “margem”, estão sujeitados.

A **metáfora** é, em princípio, um traço identificacional de textos, moldado por estilos particulares. Segundo Lakoff & Johnson (2002), a essência da metáfora é “compreender uma coisa (o Congresso Nacional, por exemplo) em termos de outra (uma cobra, por exemplo)”. Como os autores observam, nosso sistema conceptual é metafórico por natureza, isto é, sempre compreendemos aspectos particulares do mundo, de acordo com nossa experiência física e cultural, em termos de outros aspectos, estabelecendo correlações. Os conceitos metafóricos que estruturam nossos pensamentos, ainda segundo os autores, também estruturam nossa percepção, nosso comportamento, nossas relações e, acrescentemos, nossa identidade pessoal e social. As metáforas moldam significados identificacionais em textos, pois, ao selecioná-las num universo de outras possibilidades, o locutor compreende sua realidade e a identifica de maneira particular, ainda que orientada por aspectos culturais. Ocorre, então, como Fairclough (2001: 241) observa, que “todos os tipos de metáfora necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que se representa” (Ramalho, 2010).

#### **4.1 Revista *Veja* – Edição nº 13 (04/12/1968)**



A Edição nº 13 da Revista *Veja*, datada de 04/12/1968, foi a única edição antes do ano 2000 que contém a imagem física do Congresso Nacional.

#### 4.1.1 O texto

O texto, designado aqui como “O Congresso pressionado: chegaremos a isto?”, apresenta uma construção verbal com ‘nós’ inclusivo (“chegaremos”), indicando que se trata de uma situação em que as consequências atingirão a sociedade brasileira.

O que chama a atenção quanto à seleção lexical é o adjetivo “pressionado” – que traz em si a ideia de algo que fugiu da normalidade.

A coesão textual dá-se por meio do pronome demonstrativo “isto” e pela simbologia da figura ao fundo – retratando um espelho quebrado com a imagem do Congresso Nacional. Ou seja, “isto” refere-se à “quebra” do Congresso, ao fechamento do Congresso brasileiro. Trata-se, portanto, de uma metáfora que correlaciona um espelho quebrado ao Congresso Nacional.

O texto apresenta os três sentidos postulados por Halliday (1991): sentido experiencial: o Congresso Nacional está sendo representado por meio do olhar do/a jornalista, sendo que a língua aqui é estabelecida como modo de reflexão; sentido interpessoal: além de o Congresso Nacional estar sendo representado, o/a jornalista estabelece um diálogo com o leitor, no momento em que realiza a pergunta “Chegaremos a isto?”; e sentido textual: a disposição das estruturas gráficas confere textualidade à mensagem.

A imagem concebida na referida capa dá-se por meio das macrofunções da linguagem verbal: ideacional e textual. Ou seja, a imagem representa a situação do Congresso Nacional à época, e ao mesmo tempo transmite a mensagem de que algo está acontecendo fora da normalidade.

O *design* visual aqui pode ser classificado como estrutura conceitual. O único “participante” presente na imagem é o próprio Congresso, sendo representado segundo sua significação (espelho quebrado).

Quanto ao valor da informação, a mensagem da capa encontra-se na localidade inferior, o que, segundo Kress & van Leeuwen (1996), confere realidade à informação, aquilo que há de mais concreto e realista. Para comprovar este item, passemos à prática discursiva.

#### **4.1.2 A prática discursiva**

O contexto da produção, distribuição e consumo da referida matéria deu-se em um momento em que a política brasileira vivia momentos graves. Tratava-se, pois, da convocação do Congresso pelo presidente Costa e Silva por um período extraordinário de 2 de dezembro a 21 de fevereiro. A medida era uma tentativa de pressão sobre o Congresso porque a Comissão de Justiça ainda não tinha dado o seu parecer sobre o pedido de licença para processar o Deputado Márcio Moreira Alves, que havia realizado um pronunciamento conclamando o povo a um “boicote ao militarismo”, não participando dos festejos comemorativos da Independência do Brasil no 7 de setembro próximo. À época, falava-se também em um Ato Institucional (AI-5), que mudou os percursos da política brasileira.

Assim, a imagem em que o Congresso Nacional aparece metaforicamente como um espelho quebrado é muito significativa e retrata todo este cenário conflituoso em que vivia a política brasileira. “Isto” ainda denota sentido presunçoso, delimitando o “final” de toda esta problemática.

#### **4.1.3 A prática social**

A ideologia da prática social em que se insere a edição em análise dá-se na perspectiva da metáfora que foi elaborada: o Congresso quebrando-se como um espelho. A pergunta “Chegaremos a isto?” indica o momento em que vivia a política brasileira à época.

Por meio do contexto histórico pode-se apreender que existe uma orientação política já indicada na capa, pois o Congresso estava sendo pressionado e um dos motivos dessa pressão dava-se em razão de a Comissão de Justiça não ter ainda dado o seu parecer de licença para processar o Deputado Márcio Moreira Alves, que havia se pronunciado em relação às invasões dos militares em duas universidades federais brasileiras.

### **4.2 Revista *Veja* – Edição nº 1819 – (10/09/2003)**



#### 4.2.1 O texto

Valendo-se das funções da linguagem postuladas por Halliday (1991), pode-se observar no texto presente na referida capa a presença de um sentido experiencial: o/a jornalista apreendeu traços da realidade para assim representá-los – juntamente com todas as problemáticas que existem nas representações.

Para tanto, o/a jornalista utilizou recursos linguísticos específicos para provocar a reflexão no leitor a respeito do assunto. Observemos:

*“O PT **infiltra** a máquina administrativa do Estado com seus militantes e **cai** na **velha ilusão** de que, ao perseguir seus objetivos partidários, está servindo o país”.*

A seleção lexical aqui é fator determinante para a interpretação do/a leitor/a. Exemplos:

- (i) Uso do processo “infiltrar” – designa algo que “entra” sem ter espaço suficiente: tem de infiltrar para conseguir atingir o seu objetivo;
- (ii) Uso do processo “cair” – metáfora espacial com conotação negativa, apontando para “baixo”; orientação espacial que, na cultura ocidental, é experienciada como negativa;
- (iii) Seleção da avaliação “velha [ilusão]” – avaliação que reforça a ideia de algo já existente e pressuposto;

Além do pequeno trecho apresentado na capa, temos também a presença do título “BRASILHA DA FANTASIA”, que faz um jogo de trocadilhos que designa a situação a qual se encontra a capital federal – como uma *Ilha da Fantasia*. Tem-se aqui, portanto, a presença da intertextualidade.

A coesão textual dá-se por meio do conjunto: uso do verbo “infiltrar” e o recurso extralinguístico (imagem de raízes de uma árvore) na capa. Aqui se tem, portanto, uma metáfora relacionando a prática do PT tal qual algo que infiltra a raiz de uma árvore.

A imagem em si carrega (como na primeira imagem analisada) as macrofunções ideacional e textual, representando a ação do PT, bem como transmitindo a mensagem de como se dá esta ação.

O *design* visual é classificado como estrutura conceitual, uma vez que designa traços e características essenciais do PT como aquilo que infiltra a máquina administrativa. Aqui o “participante” não é mais o Congresso Nacional em si, mas sim os militantes do PT, que agem sobre a máquina administrativa do Estado (onde se encontra também o Congresso Nacional). O Congresso, portanto, faz parte da representação da imagem, mas não é o foco.

A disposição das estruturas verbais encontra-se no centro e na parte inferior da capa, dando valor real ao tema “BRASILHA DA FANTASIA” e conferindo à mensagem ao centro o núcleo da informação sujeitado ao tema.

#### **4.2.2 A prática discursiva**

O contexto da produção, distribuição e consumo da Edição nº 1819 da revista *Veja* deu-se meses após a posse do Governo Lula – Partido dos Trabalhadores (PT).

Como é de praxe, com o advento de um novo governo, houve também a mudança do quadro de servidores em toda a máquina administrativa do Estado brasileiro. O que chama atenção na matéria principal é a quantidade de nomeações que se deram nos cargos de confiança – 15.000 de 21.000 servidores de livre nomeação.

#### **4.2.3 A prática social**

Por meio da análise gráfica e textual da capa em questão, pode-se apreender uma ideologia partidária que realiza uma metáfora entre os militantes do PT e algo que infiltra a raiz de uma árvore – ou seja, são os militantes petistas infiltrando a máquina administrativa do Estado brasileiro. Esta comparação traz em si uma ideia degenerativa do partido.

Quanto à hegemonia presente, tem-se a orientação partidária denegrindo a imagem do Partido dos Trabalhadores – Governo à época.

### **4.3 Revista *IstoÉ* – Edição nº 2059 – (29/04/2009)**



### 4.3.1 O texto

Este exemplar da revista *IstoÉ* conta com recursos gráficos significativos para a compreensão do todo denunciado pela capa: o Congresso com rachaduras (indicativo sombrio) e possuído de vegetais – o que indica abandono, falta de higiene etc.

O texto faz uma denúncia à situação por que passa o Congresso Nacional:

*“O palácio dos horrores: um festival de escândalos contamina deputados e senadores e leva o Congresso para o fundo do poço moral. O que é preciso para restaurar a credibilidade do parlamento”.*

O/a jornalista utilizou-se de recursos linguísticos específicos para provar a sua tese de que o Congresso brasileiro encontra-se “no fundo do poço moral”. São expressões como “o palácio dos horrores” e “fundo do poço moral” que levam o leitor a crer que realmente a situação do Congresso é devastadora.

Além das expressões elucidativas indicadas anteriormente, tem-se a seleção verbal de (i) “contamina”: aquilo que suja, mancha o que é puro ou respeitável; (ii) “restaurar” (a credibilidade do parlamento): restabelecer o que foi denegrido, restituir o que foi desintegrado – tem-se, portanto, o parlamento com a necessidade de restaurar a sua imagem frente à sociedade brasileira.

A seleção do léxico em “festival”, “escândalos” e “credibilidade” também fazem parte do propósito do/a jornalista: “festival” envolve festa – tudo o que não poderia existir no Congresso Nacional; o substantivo “escândalos” já carrega o sentido daquilo que fugiu à ordem; e “credibilidade”, aquilo que é crível – o que os parlamentares não possuem (de acordo com a capa).

A metáfora da capa direciona-se no sentido de estabelecer o Congresso Nacional como um “Palácio dos Horrores” – as estruturas composicionais (vegetais, rachaduras) ajudam a compor da ideia de terror à qual vive o Parlamento brasileiro.

Podem-se encontrar os sentidos experiencial e textual da linguagem: o Congresso mais uma vez está sendo representado por meio da apreensão a qual determinado/a jornalista fez da realidade da política brasileira; assim como a mensagem dá-se por meio do texto.

Quanto à imagem, as macrofunções ideacional e textual mais uma vez se fazem presentes, no sentido de representar a situação em que vive o Congresso Nacional à época, bem como transmitir o porquê dessa representação.

O participante em foco aqui é o Congresso Nacional, sendo que o *design* visual é classificado como estrutura conceitual, uma vez que a representação do Congresso é feita por meio de sua significação – como um “Palácio dos Horrores”.

Quanto ao valor da informação, temos as estruturas verbais dispostas à direita da capa, o que confere algo “novo”, o que não é conhecido pelo leitor e para o qual se deve dar mais atenção. O “novo” aqui diz respeito à denúncia a qual a matéria faz alusão.

#### **4.3.2 A prática discursiva**

O contexto da produção, distribuição e consumo em que se deu a Edição nº 2059 da revista *IstoÉ* dá-se em meio à crise que sofreu o Congresso Nacional no ano de 2009: a farra das passagens, as verbas indenizatórias, o nepotismo, os apartamentos funcionais disponibilizados a parlamentares, o empreguismo contribuíram para denunciar o desprestígio em que vivia a Casa Legislativa.

A intertextualidade dá-se por meio do título “Palácio dos Horrores” – interligando assim o Congresso a filmes de terror.

#### **4.3.3 A prática social**

A ideologia presente na mensagem transmitida pela referida capa dá-se no sentido de pressupor a generalização de que todos os parlamentares participavam das regalias denunciadas na matéria. Trata-se, pois, da ideia que se criou na sociedade brasileira de que “todo político é corrupto e desonesto”.

Não existe nenhuma orientação político/partidária na mensagem, uma vez que ela denuncia a prática dos parlamentares (deputados e senadores) em geral.

#### **4.4 Revista *Veja* – Edição nº 2123 – (29/07/2009)**



#### 4.4.1 O texto

Observemos o texto:

*“PMDB: Como um símbolo da democracia virou o partido do fisiologismo, engoliu a política em Brasília, deu nó até em Lula e pode decidir a eleição presidencial de 2010”.*

Por meio do texto, o PMDB é caracterizado como um símbolo da democracia, mas que, apesar disso, virou “o partido do fisiologismo” – que é o tema da matéria em questão.

É interessante observar nesta edição como a seleção lexical está em perfeita sintonia (coesão) com a imagem da capa, que representa uma cobra. Os processos “engoliu” e “deu” (nó) designam atos da cobra, que metaforicamente correlaciona o PMDB.

Assim, temos (por meio da representação da capa) que o PMDB age tal qual uma cobra, “engolindo” a política na capital federal – o que corresponde ao poder que o partido tem na política brasileira; e “dando nó” até em Lula (presidente à época – o que dá o sentido de “passar para trás”).

Por meio dessas ações é que o partido pode decidir as eleições presidenciais de 2010. O/a jornalista caracterizou todo o modo de agir do PMDB na política brasileira para dizer o porquê de o partido poder decidir as eleições de 2010.

Destacam-se os sentidos experiencial e textual na linguagem em destaque: o PMDB está sendo representado como uma cobra, o que tem a intenção de provocar a reflexão do leitor; as estruturas gráficas e a composição dos léxicos conferem textualidade à mensagem.

Quanto à imagem, pode-se identificar as macrofunções ideacional e textual: o PMDB está sendo representado, em função de suas ações, como uma cobra, o que transmite a ideia de “poder fatal” do partido.

É curioso destacar o Congresso Nacional “dentro” da cobra, o que revela a influência do partido sobre parlamento brasileiro – o PMDB é o dono da maior bancada no parlamento atualmente. O Palácio do Planalto não se encontra “engolido” pela cobra, o que provavelmente se deu em função de as eleições presidenciais ainda não terem ocorrido – que é, inclusive, o destaque da matéria (“e pode decidir a eleição presidencial de 2010”). Ou seja, a “cobra” ainda não engoliu o Palácio do Planalto.

O *design* visual é classificado como conceitual, uma vez que representa o PMDB por meio de sua significação – como uma cobra, “engole” a política brasileira.

A informação transmitida pela capa dá-se na parte inferior, o que confere o valor de informação “real”, aquilo que há de mais concreto, realista.

#### **4.4.2 A prática discursiva**

A edição em destaque foi publicada 13 meses antes da eleição presidencial de 2010. O contexto que o PMDB vivia à época caracterizava-se pelo fisiologismo e pela onipresença na política brasileira.

#### **4.4.3 A prática social**

A ideologia presente na matéria é, sem dúvidas, partidária, no sentido de estabelecer uma imagem degenerativa do PMDB, uma vez que relaciona características como “fisiologismo” e atitudes como “engolir” a política em Brasília ao partido. Toda a representação do partido dá-se então, por meio da metáfora correlacionando-o à cobra.

A hegemonia estabelece-se por meio da orientação partidária denegrindo a imagem a qual o PMDB tem na política brasileira e elevando o “poder” que exerce em Brasília.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo pautou-se na investigação de discursos midiáticos em que o Parlamento brasileiro estivesse sendo representado. As análises realizadas apontaram para práticas discursivas carregadas de potencial ideológico que direcionam a construção do imaginário da sociedade. O estudo possibilitou a identificação e a análise de estruturas linguísticas e imagéticas que contribuem para a sustentação de premissas que dizem respeito aos parlamentares brasileiros. A seleção do léxico, a escolha das imagens e as metáforas utilizadas foram ferramentas utilizadas pelos/as jornalistas com o objetivo específico de manter ou denegrir determinada hegemonia ou orientação partidária.

A relevância do presente estudo dá-se na perspectiva de reflexão dos discursos que estão sendo veiculados na mídia brasileira. A responsabilidade social dos veículos de comunicação é de extrema importância para o cenário de representação da política brasileira, e por isso deve ser “pensado” como tal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hicitec, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

GITLIN, Todd. *Mídias sem limite: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, S. Ideology and a Communication Theory. In: DERVIN, B. *et alii. Re-thinking Communication: Paradigm Issues*, vol. 1, Sage, B. Hills, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, Ruqaiya. 1991. 3ª reimp. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford University Press (Tradução de M.C.D. Leal para o curso de *Introdução à Análise do Discurso*).

LIMA, Venício Artur de. *Mídia: teoria e Política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Revisitando as sete teses sobre mídia e política no Brasil*. In: *Comunicação & Sociedade*, Ano 30, n. 51, p. 13-37, 2009.

MAGALHÃES, Izabel. *Introdução: a Análise de Discurso Crítica*. In: *D.E.L.T.A.* São Paulo: Educ, 2005, v. 21, n. especial, PP. 1-11.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

KRESS, Gunther & LEEUWEN, Theo van. *Reading images: the grammar of visual design*. London; New York: Routledge, 1996.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. (coord.) Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. (Org.) Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil*. Covilhã: LabCom, 2010. Disponível em <http://www.livroslabcom.ubi.pt/livro.php?l=6>. Acesso em 20 jun. 2011.